

Fotografia: Mariza Almeida



Maria Irene de Carvalho*

Contra-correntes em tempos de tempestades: o pensamento de Jane Addams e de Mary Richmond no Serviço Social

Countercurrents in times of storms: the thinking of Jane Addams and Mary Richmond in social work

Resumo: O pensamento de Jane Addams e de Mary Richmond está associado à construção do conhecimento em Serviço Social na modernidade. No final do século XIX e início do século XX, estas figuras incontornáveis do Serviço Social integraram a profissão na divisão sociotécnica do trabalho e na agenda dos países envolvidos com a questão social. Este texto tem como objetivo examinar a relação implícita das autoras com o Serviço Social, enfatizando a emergência e construção do mesmo como uma ação “quase profissional”. Adotamos uma metodologia qualitativa baseada na análise bibliográfica, a qual permitiu situar o contexto da modernidade e comparar o percurso pessoal de Richmond e Addams tendo em conta: a trajetória pessoal e profissional; as perspetivas teóricas do Serviço Social na abordagem dos problemas sociais; as organizações e as práticas e os principais contributos e inovações num contexto de reforma social.

Palavras-chave: Serviço Social, profissão, formação profissional.

Abstract: The thinking of Jane Addams and Mary Richmond is associated with the construction of knowledge of social work in modernity. In the late nineteenth and early twentieth century, these compelling figures joined the social work profession in socio-technical division of labor and in the agenda of the countries involved in social question. This paper aims to examine the implicit relationship of these authors with social work, emphasizing the emergence and construction of the same action as a “quasi-professional”. We adopted a qualitative methodology based on the literature review which allowed situate the context of modernity and compare the personal journey of Richmond and Addams taking into account: the personal and professional trajectory, the theoretical perspectives of social work in addressing social problems; the organizations and the practices and main contributions and innovations in an context of social reform.

Keywords: social work, profession, professional education.

* Assistente Social, licenciada, Doutora Ph.D em Serviço Social pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Portugal, e docente do ensino superior na Escola Superior de Saúde de Alcoitão, na Graduação de Serviço Social e Promoção da Saúde e da Ação Social, Lisboa, Portugal. E-mail: mariacarvalho21@gmail.com.

Introdução

Falar de Jane Addams e de Mary Richmond parece não fazer sentido em pleno século XXI. Nada mais errado nessa asserção, pois, apesar de atualmente o Serviço Social ter consolidado o conhecimento, a profissão e a formação, integrando-se plenamente na divisão sociotécnica do trabalho a par com outras profissões do âmbito social, faz todo o sentido analisar o contributo das autoras para a construção do saber e da identidade do mesmo. Até porque algumas questões mantêm-se, sobretudo a de saber o que é o Serviço Social e qual a especificidade da profissão, isto é, de um profissional de Serviço Social.

Será que o Serviço Social pode ser tudo (religião, política, ciência, valores, ideologias, filosofia)? E todos os que trabalham no social são assistentes sociais? Algumas dessas questões também preocuparam as autoras, contribuindo o seu pensamento para a construção de um campo de saber específico – o Serviço Social (conhecimento, profissão, formação). Num tempo de mudança e de reformas sociais, gostaríamos de evidenciar a “força” com que estas duas personalidades souberam “navegar” na incerteza e construir um pensamento inovador que atravessou todo o século XX e que ganha cada vez mais sentido no novo milénio.

Apesar de as autoras estarem frequentemente associadas à história do Serviço Social, relacionada com a emergência e com a institucionalização, o seu pensamento constitui uma referência para quem tem interesse em compreender a evolução, a consolidação do conhecimento e a ação do Serviço Social na atualidade, e para quem manifesta determinação em desenvolver práticas inovadoras e fundamentadas.

Frequentemente é assumido que o Serviço Social é um “filho” da modernidade porque “nasceu da combinação de ideias progressistas e de compromissos pragmáticos desenvolvidos face aos problemas sociais” (SOULET, 2012, p. 12). E apesar de, como refere Sposati (1992), o mesmo ser anterior às democracias e ao Estado de Bem-Estar, este tem a raiz nesse movimento reformista. Este movimento dos finais do século XIX e princípios do século XX contribui para a sua construção. Este contexto de mudança potenciou o surgimento de um novo conhecimento, de uma profissão e de uma formação específica, face ao mundo real – a do Serviço Social.

Gallego (2009, p. 24) identifica alguns fatores que influenciam o surgimento do Serviço Social nesse contexto, a saber: i) os movimentos de investigação e de reforma social; ii) o nascimento do social como ciência; iii) o início da intervenção do Estado na área social; iv) os movimentos que possibilitaram o surgimento de organizações de caridade, as *Charity Organisation Societies* (COS), e dos *settlements* e acrescenta-se ainda o movimento feminista (feminismo de primeira vaga) e os movimentos dos trabalhadores.

Estes fatores, apesar de não serem interdependentes, pois decorriam de posições teóricas por vezes opostas, contribuíram de forma explícita para o surgimento do Serviço Social, destacando-se entre outros o papel que as mulheres foram adquirindo no espaço público, como é o caso de Mary Richmond e Jane Addams.

Quando falamos do pensamento das autoras cabe reportarmos às características da sociedade americana do fim do século XIX e princípio do século XX e, como sabemos, se na Europa a ideia de que o Estado deveria intervir na sociedade era, ainda que não fosse aceite pela maioria, tolerável, isso já não acontecia nos Es-

tados Unidos da América (EUA). Ali vivia-se uma democracia liberal e os investigadores e intelectuais da época tentam compreender como coexistir na diversidade cultural (GALLEGO, 2009, p. 25-26). Essa inquietação levou a que os reformistas e os cientistas confluíssem para o estudo, não da pobreza, *tout court*, para a cidade como espaço de conflito (Escola de Chicago), convertendo-se esta no principal laboratório não só de observação, mas de ação e num espaço privilegiado para o desenvolvimento do Serviço Social.

Neste ensaio sobre o pensamento de Mary Richmond e Jane Addams, reportamo-nos às trajetórias pessoais e profissionais das autoras e aos impactos no pensamento do Serviço Social num tempo e espaço determinado. O pensamento das autoras é fundamental para compreender o surgimento do Serviço Social como campo de conhecimento, ação e de formação, mas também para compreender a atualidade do Serviço Social.

É a partir destas questões que este texto tem por objetivo examinar a relação implícita das autoras com o saber do Serviço Social, enfatizando a emergência e a construção deste como uma ação “profissional”, numa perspetiva comparada e num tempo e espaço determinados (finais do século XIX e princípios do século XX). Este tempo/espaço é sinónimo de transformações e mudanças sociais associadas a movimentos sociais (trabalhadores e feministas), violência e guerra, emergência dos direitos cívicos, políticos e sociais, e do social como objeto de estudo, assim como a institucionalização de cátedras das ciências sociais nas universidades e a institucionalização da formação e da profissão do Serviço Social (CARVALHO, 2006; 2012).

A análise realizada é desenvolvida a partir de uma metodologia comparada que correlaciona a construção do Serviço Social, tendo em conta o tempo e espaço de ação do Serviço Social, com o pensamento das autoras. Nesta análise tivemos em conta as seguintes dimensões: a trajetória pessoal e profissional; as perspetivas teóricas do Serviço Social na abordagem dos problemas sociais; as organizações e as práticas e os principais contributos e inovações.

O texto situa, num primeiro momento, o contexto da modernidade onde o pensamento das autoras se desenvolveu. Num segundo momento, identifica os contributos de Jane Addams e de Mary Richmond para o Serviço Social e, por último, apresenta a síntese comparativa que enfatiza as semelhanças e diferenças no pensamento das autoras.

1. Contexto para a construção de uma profissão

O período da modernidade entre os finais do século XIX e princípios do século XX (até à década de 1920, inclusive), nos EUA, é marcado pela expansão industrial, pela imigração (vinda de famílias de outros países) e pela migração interna (trajetória do campo para a cidade). Desde 1890 que este país atravessava uma rápida industrialização e urbanização decorrente de fluxos migratórios europeus (HANS, 1999, p. 145). A sociedade era caracterizada não só pelo surgimento de problemas sociais associados à pobreza, concebida tanto como escassez de recursos quanto como *desafiliação* (MOURO, 2009, p. 124), mas mais do que isso, com

questões de diversidade cultural e do crime, violência, nas cidades (GALLEGO, 2009, p. 25). Essas transformações eram acompanhadas de esforços políticos para promover reformas sociais cuja finalidade era a de preservar os ideais democráticos de autogoverno das comunidades locais (HANS, *ibidem*).¹

Este período da modernidade é caracterizado pelo surgimento de diferentes e novas formas de racionalizar a experiência (CONDE, 1998), associadas ao desenvolvimento de quatro instâncias: o industrialismo, o capitalismo, as instituições de vigilância e o Estado-nação (GIDDENS, 1997, p. 14). Significa que a sociedade era marcada pelo impacto do desenvolvimento industrial e pela construção de uma cultura de pré-legitimação do bem-estar como forma de reinventar a política (MOURO, 2009, p. 124). Segundo a autora (*op. cit*, p. 128), este desenvolvimento está associado ao “surgimento dos primeiros estudos sobre a pobreza, que concluíam que esta era um dos problemas centrais da sociedade industrial”. Contudo essas preocupações eram mais frequentes no velho continente, porque no recente EUA, como já referimos, o que interessava eram as questões da diversidade cultural, decorrentes de processos migratórios de massa e das regras e normas de vida nas recentes cidades.

No que diz respeito à questão social, pobreza, existiam duas posições teóricas e ideológicas que se destacavam: uma associada ao socialismo ético, que defendia que o Estado deveria atuar no sentido de potenciar o desenvolvimento social e o bem-estar através da construção de serviços públicos (*Sidney Webb – Fabian Society – Beveridge, Titmus*) – originando e desenvolvendo estudos de polícia social – (CUNNINGHAM; CUNNINGHAM, 2012, p. 4). A outra posição advogava que o Estado não deveria ter esse papel, cabendo à iniciativa privada, laica ou religiosa e aos indivíduos implicarem-se no desenvolvimento da sociedade através do voluntariado social. A intervenção orientava-se para “duas posturas teóricas distintas: a da promoção social e a do assistencialismo, ainda que conceptualizada a partir do conhecimento científico” (MOURO, 2009, p. 125). Essas duas visões influenciaram também a sociedade americana, tendo surgido formas mistas de atuação que inspiraram o debate quando se falava de questões de pobreza, multiculturalismo e de bem-estar. Foi neste contexto de mudança e de reformas sociais que se desenvolveu a profissão do Serviço Social.

A intervenção social desenvolvia-se em organizações sociais com função de vigilância, exemplo disso eram as COS (*Charity Organisation Societies*), os *settlements* nos EUA e no Reino Unido e as *maisons sociales* em França. Essas “novas” instituições de solidariedade emergiram tanto como: necessidade de cuidar dos mais vulneráveis, humanismo; desenvolvimento de mecanismos de proteção social; e meio de regular a sociedade através da criação de instituições de vigilância.

¹ Chicago foi um exemplo desses ideais reformistas. A Escola de Chicago, interacionista, centrava as suas pesquisas na cidade moderna, favorecendo estudos multidisciplinares e cooperativos, enfatizando a aprendizagem da pesquisa no meio. A sociedade não era concebida exclusivamente como meio de repressão, coerção e obrigação, ela era também vivenciada como fonte de inspiração, expansão, libertação e fortalecimento do sujeito. A condição da ação coletiva é a existência de “representações colectivas” constituídas na comunicação (HANS, 1999, p. 153).

Neste contexto o Serviço Social construiu-se na relação entre: i) “o cuidado e a atenção ao outro” – dignidade humana; ii) desenvolvimento e progresso, bem-estar e ii) o controlo e ordem social.

Este processo de configuração do Serviço Social na modernidade está relacionado com implícito na construção da identidade profissional dos Assistentes Sociais (GARNER, 1999, p. 25; VAN DEN HOVEN, 2000). Segundo esses autores, essa identidade estava associada a um modelo profissional baseado numa ética individual de vocação onde o valor dominante era o humanismo, e a uma deontologia fundada na relação de ajuda com as pessoas, centrada num processo pedagógico de transformação não só do indivíduo mas da sociedade – bem-estar/ordem.

Neste quadro de referência as autoras integravam-se numa perspectiva reformista e desenvolvimentista, orientando-se i) pela consciencialização do indivíduo e mudança das normas e regras da sociedade através de reformas sociais (GARNIER, 1999)²; ii) pela evidência científica que demonstrava que era necessário criar serviços e formar profissionais capazes de intervir no mundo real e desenvolver as sociedades tendo presente o princípio da dignidade humana. Vejamos então em forma de síntese a trajetória profissional e as perspectivas teóricas e práticas defendidas pelas autoras evidenciando o pensamento das mesmas para o Serviço Social.

2. O pensamento de Jane Addams e de Mary Richmond: análise comparativa

Como observado anteriormente, a análise comparativa está orientada em algumas dimensões centrais que são apresentadas, também, a partir de um quadro ilustrativo. Para realizar esta análise foi adotada uma metodologia comparada centrada na pesquisa e análise bibliográfica. No sentido de compreender o pensamento e as contribuições das autoras, para o Serviço Social, é apresentado, portanto, o Quadro 1, no qual pode ser visualizado o esquema de análise efetuado.

2.1. Jane Addams

A trajetória pessoal e profissional de Jane Addams confunde-se. Esta jovem activista política nasceu em 1860 em Cedarville, Illinois, EUA, numa família da classe média alta. O pai era político e influenciou o seu modo de ser. Realizou os seus estudos e, aos 27 anos, o seu inconformismo fê-la viajar pela Europa. Nessa viagem conheceu a ação social dos *Settlements* no Reino Unido.³ Mudou-se para Chicago e fundou em 1889 a Hull House e outros *settlements* (centros comunitários) nos Estados Unidos, mas com contornos distintos dos que tinha observado (MARTÍNEZ, 2006, p. 143-149). Essas instituições faziam a ponte entre as classes média e a classe trabalhadora (FOOK, 2003, p. 3)

A capacidade de ação traduzia-se também na luta pelos direitos cívicos dos grupos mais frágeis da sociedade: imigrantes, trabalhadores pobres, mulheres, crian-

² Segundo Fook (2003: 4), a última perspectiva está associada à génese do Serviço Social crítico.

³ Os *settlements*, criados em 1824 em Inglaterra, eram centros sociais comunitários que preconizavam a ideia de solidariedade social para fazer face à ação caritativa religiosa. (MOURO, 2009, p. 125).

ças, doentes, pessoas mais velhas. A criação dessas organizações e da atividade política favoreceu a sua eleição para presidente da Liga Internacional das Mulheres para a Paz e Liberdade em 1920. Por essas iniciativas recebeu o Nobel da Paz em 1931. Faleceu em Chicago em 1935, com 75 anos.

As perspectivas teóricas na abordagem dos problemas sociais incidiam sobre a etnologia e o interacionismo simbólico da escola de Chicago, associado a uma ação política – pragmatismo (MARTÍNEZ, 2006). Neste âmbito, a ação do Serviço Social estava associada à ação política, mas não politizada, como já referimos, onde os assistentes sociais e os próprios sujeitos estavam implicados na ação social coletiva. Era defendido o trabalho de grupo e o trabalho de terreno na comunidade, com contactos permanentes com a realidade/campo de ação. A ideia subjacente era a de implicação dos sujeitos na ação, capacitando-os, e a de reforma da ação social, introduzindo princípios de justiça social e de equidade.

Addams criticava o modo de conceptualização e ideologias instituídas, inclusive as Sociedades para a Organização da Caridade (COS), que, segundo ela, não eram mais do que uma ação caritativa impregnada de valores religiosos. As *Hull House* de Chicago (1889) eram espaços onde o Serviço Social era consubstanciado como uma ação que visava contrariar não só os efeitos perversos da industrialização, mas um espaço de “empoderamento” dos sujeitos e das comunidades. A ação era orientada para um trabalho comunitário centrado em dinâmicas de grupos, por vezes, em regime de acolhimento social de imigrantes (internos e externos). A intervenção orientava-se para o desenvolvimento das populações residentes no bairro onde os *settlements/Hull House* estavam implantados. Algumas intervenções orientavam-se para o que se denomina atualmente de intervenção pela arte, incluindo exposições e conferências (MARTÍNEZ, 2006, p. 144).

Os principais contributos e inovações de Jane Addams estão sem dúvida associados à ação do Serviço Social como ação de luta política, mas não partidária. Nas suas lutas defendeu a proibição de trabalho de menores, o limite de horas do trabalho feminino, o desenvolvimento de medidas de prevenção de riscos e de doenças no trabalho. Incrementou os grupos de autoajuda em que as pessoas se apoiam mutuamente através da conscienciatização. O impacto dessas ações constituiu uma referência para determinadas reformas sociais inovadoras nos EUA e para a independência da profissão do Serviço Social, numa perspetiva simultaneamente crítica e científica (baseada em evidências). A visão da autora sobre o Serviço Social está associada a uma ação coletiva, pois envolve uma mudança onde estão implicados todos os agentes do tecido social e onde os direitos cívicos, políticos e sociais e o desenvolvimento comunitário, as capacidades dos sujeitos, se destacam. Esta posição é frequentemente associada ao que atualmente denominamos de Serviço Social crítico e urbano (FOOK, 2003).

2.2. Mary Richmond

Mary Richmond nasceu em 1861, em *Belleville, Illinois*, EUA, e faleceu em 1928, com 67 anos. Quando terminou os estudos básicos foi secretária e, posteriormente, visitadora domiciliar nas organizações de caridade (COS). Essas visitas

tinham como objectivo definir os critérios da ajuda social (MOURO, 2001, p. 30). Eram realizadas através da aplicação de inquéritos às condições socioeconómicas das famílias, os quais depois de analisados determinavam os casos a apoiar (*op. cit.*). A ação era entregue a visitadoras sociais. Essa experiência foi racionalizada por Mary Richmond através da sua prática como visitadora social.

Depois de ter concretizado os estudos superiores, implementou com as COS, a primeira escola de filantropia em Nova Iorque (1897-98), na qual foi professora. Coordenou essas organizações nos EUA durante nove anos e produziu legislação a favor de grupos vulneráveis: mulheres, crianças e deficientes mentais. Publicou em 1917 o livro que marcou e influenciou a profissão de Serviço Social até à actualidade: *O diagnóstico social*. Em vida foi-lhe atribuído o grau de *master* e *doutor honoris causa* por ter contribuído para a criação de uma nova profissão: a do Serviço Social.

Richmond definiu o problema social como objeto do Serviço Social e o *case work*, orientado para o diagnóstico social, como método a seguir, permitindo assim introduzir o Serviço Social na rota da ciência (MARTÍNEZ, 2006). Essa conceptualização foi influenciada pelo pensamento de H. de George Mead, sobretudo pelas Teorias do *Self* (MEAD, 1934). Estas constituíram um dos fundamentos do surgimento do Serviço Social. Ao contrário do que, por vezes, é entendido, a orientação de Richmond defendia uma visão dos problemas de uma forma integrada e não, exclusivamente, centrada na pessoa, como defendiam as teorias psicanalíticas. Howe (2009, p. 29 e segs.) refere que a visão centrada na pessoa foi introduzida no Serviço Social na década de vinte do século XX, mas foi entre as duas guerras, primeira e a segunda guerra, que foi inserida explicitamente a visão psicanalítica do *self* no Serviço Social.

Como já referimos, o trabalho de Mary Richmond foi fundado na etnometodologia e nos pragmatistas da Escola de Chicago. A autora estava interessada na pesquisa e no conhecimento, mas também na reforma da assistência e na institucionalização da formação e da profissão do Serviço Social. Para tal, propôs uma intervenção sistemática introduzindo o método de caso na formação e incluindo o diagnóstico social como processo essencial para a compreensão das situações-problema. Ao publicar o livro *O Diagnóstico Social*, (RICHMOND, 1917) fundou e fundamentou um novo conhecimento e uma nova profissão. Esta já não era voluntária, mas requeria profissionais assalariados. Esta mudança promoveu a profissionalização da assistência. O diagnóstico social, fundado no método de caso, enfatiza a importância do trabalho com grupos e comunidades na “resolução” ou transformação dos problemas sociais.

Mary Richmond reorganizou as COS⁴ nos EUA e opôs-se às grandes instituições e ao seu *modus operandi*, tendo lutado a favor dos grupos mais desfavorecidos e do reconhecimento da profissão. Dotou o Serviço Social de um conteúdo teórico e sistemático, formalizou técnicas e conteúdos, definiu como objetivo do Serviço

⁴ As *Charity Organisation Societies* (COS) foram fundadas em Inglaterra em 1869 por Henry Solly (MOURO, 2009: 128). Esse tipo de organização foi disseminado noutros países. Essas organizações podiam ser laicas ou religiosas e concretizavam a ação não em função de um direito, mas de uma dádiva (*op. cit.*, p.30).

Social não só educar mas também investigar e denunciar situações injustas. Valorizava o trabalho directo com os clientes em desfavor do trabalho burocrático.

Para além desses contributos e inovações defendeu a profissionalização da assistência. Participou na institucionalização da profissão do Serviço Social e na

Quadro 1 – O pensamento de Jane Addams e de Mary Richmond na construção do Serviço Social segundo dimensões de análise

Tempo e espaço de ação do Serviço Social	Construção do Serviço Social (Finais do século XIX princípios do século XX)	
Autoras do Serviço Social	Jane Addams	Mary Richmond
Dimensões de análise		
Trajectoria pessoal e profissional	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu 1860 em Cedarville, Illinois, EUA. Faleceu em Chicago, em 1935, com 75 anos. - Fundou os <i>Settlements/Hull Houses</i> (centros comunitários) nos EUA. - Ativista política, lutou pelos direitos dos grupos mais frágeis da sociedade: imigrantes, trabalhadores pobres, mulheres, crianças, doentes e idosos. - Em 1920 foi eleita presidente da liga internacional das mulheres para a paz e liberdade. Recebeu o Nobel da paz em 1931. 	<ul style="list-style-type: none"> - Nasceu em 1861 em Beleville, Illinois. Faleceu em 1928, com 67 anos. - Exerceu atividade profissional nas COS (Sociedade para a Organização da Caridade) nos EUA. Criou a primeira escola de filantropia em Nova York (1898), na qual foi professora. - Produziu legislação a favor de grupos vulneráveis. Publicou vários livros, entre eles o <i>Diagnóstico Social</i>, em 1917. Master e doutor <i>honoris</i>, contribuiu para a criação de uma nova profissão: a de Serviço Social.
Perspectivas teóricas do Serviço Social na abordagem dos problemas sociais	<ul style="list-style-type: none"> - Serviço Social como ação política mas não politizada. - Implicação dos assistentes sociais e dos próprios sujeitos na ação social da cidade. Influência da Escola de Chicago (Interacionismo simbólico associado à prática como objeto de estudo e de intervenção). - Trabalho de grupo e de terreno com contato permanente com a realidade/campo de ação. - Ideia de reforma da ação social introduzindo princípios de justiça e de equidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Objeto do Serviço Social – problema social Serviço Social como ciência. - Influências de Dewy, Spenser e Mead (etnologia). - Institucionalizou a formação do Serviço Social nos EUA. - Introduziu na formação e na profissão o método de caso – diagnóstico social. Cientificação da caridade e introdução de técnicas de análise da ação social.
As organizações e as práticas	<ul style="list-style-type: none"> - Criou os <i>Settlements</i> e a <i>Hull House</i> de Chicago (1889) (centros comunitários) Serviço Social como ação que visava contrariar os efeitos perversos da industrialização e desenvolver as comunidades. - Trabalho com grupos de pessoas em acolhimento social de imigrantes (internos e externos) nos <i>Settlements</i> e no desenvolvimento das populações residentes no bairro onde estes estavam implantados. - As práticas tinham uma tripla direção, designadamente a planificação, o alcance sociopolítico de dinamização do tecido social como projeto comunitário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolveu a ação nas COS e a formação em Serviço Social. Opôs-se às grandes instituições e ao seu <i>modus operandi</i> e lutou a favor dos grupos mais desfavorecidos e do reconhecimento da profissão. - Dotou o Serviço Social de um conteúdo teórico e sistemático, formalizou técnicas e conteúdos, definiu como objetivos do Serviço Social não só educar, mas também investigar e denunciar situações injustas. - Valorizava o trabalho direto (social) com os clientes em desfavor do trabalho burocrático.
Os principais contributos e inovações	<ul style="list-style-type: none"> - Defendeu a proibição de trabalho de menores, o limite de horas do trabalho feminino, o desenvolvimento de medidas de prevenção e de risco e doenças no trabalho. - Desenvolveu os grupos de autoajuda. Foi uma referência para determinadas reformas sociais nos EUA e para a independência da profissão. Gênese do Serviço Social crítico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Defendeu a profissionalização da assistência através da criação de uma nova profissão. Participou na institucionalização da profissão e na sua cientificação, criando uma teoria e uma metodologia própria. - Os problemas da sociedade é que interessavam ao Serviço Social e, neste sentido, o social é a base da disciplina do Serviço Social – conhecimento científico.
Conhecimento e Ação do Serviço Social	Urban Social Work, critical social work	Social work e sociedade Serviço Social, reforma social, ciência

Fonte: Elaborado a partir de Aguada (2006); Aranda (2004); Gallego (2009); Martínez (2006).

sua transformação, inserindo este saber na rota da ciência. Criou uma teoria e uma metodologia próprias.

O indivíduo enquanto ser social constituía a base da disciplina do Serviço Social e a relação de ajuda o centro da sua intervenção através da ação direta e da relação com o meio social (relação indirecta) na actuação sobre os modos de ser, as mentalidades e os comportamentos (MOURO, 2009, p. 125). Os contributos de Richmond permitiram o desenvolvimento de uma nova disciplina, uma nova profissão e uma nova formação (MOURO, 2009, p. 223; 224).

3. Semelhanças e diferenças no pensamento das autoras

Relativamente às trajetórias pessoais e profissionais de Jane Addams e de Mary Richmond, podemos identificar as seguintes semelhanças e diferenças. As semelhanças referem-se ao tempo/espço histórico em que ambas as autoras viveram: no período conturbado do final do século XIX e princípios do século XX, propício a reformas sociais, num país em construção e em plena revolução industrial — os Estados Unidos. Ambas revelaram preocupações com a questão social, sobretudo com os efeitos perversos do capitalismo nos grupos mais frágeis da sociedade: imigrantes, famílias pobres, mulheres, crianças, doentes, inclusive mentais, e deficientes. Essas preocupações traduziram-se em capacidade de ação na criação de organizações sociais como os *settlements* e/ou na reorganização das COS. Apesar dessas semelhanças, as suas trajetórias são delineadas por diferenças substantivas.

Jane Addams provém de uma família de classe média alta. O pai era político e inculuiu-lhe o espírito de inconformismo face à realidade instituída. Esse inconformismo fez da autora uma ativista política que lutava pelos direitos cívicos e políticos das mulheres, crianças e outros grupos vulneráveis. Participou activamente no desenvolvimento do movimento feminista de primeira vaga. A sua visão pragmática permitiu a construção de organizações de ação social de carácter comunitário e inovador para a época em bairros pobres das cidades. Como activista e defensora dos direitos dos mais frágeis a sua ação foi reconhecida mundialmente, tendo recebido o Prémio Nobel da Paz.

Mary Richmond realizou os seus estudos básicos e começou a trabalhar nas organizações de solidariedade como secretária e depois como visitadora social. Foi nesse contexto que tomou contato com a realidade social e com a necessidade de fazer a “caridade” ou “assistência” de outro modo, mais sistemático e racional. Tinha uma postura reformista face às normas instituídas, contudo a forma de transformar a ação não foi através da ação política mas, sim, através do conhecimento “científico”.

Considerava que a ação social deveria ser efectuada por profissionais com saber específico para atuar em realidades sociais complexas. Reformulou a ação social das organizações de solidariedade, as COS, e participou na fundação da primeira escola de filantropia de Nova Iorque, instituindo assim a profissão de Serviço Social naquele país. Contribuiu para a profissionalização da profissão em organizações de solidariedade e para a melhoria da formação, criando instrumentos de trabalho e publicando obras que ainda hoje são uma referência para o Serviço Social.

Quanto às perspectivas teóricas do Serviço Social na abordagem dos problemas sociais, das organizações e das práticas a análise demonstra que ambas estão preocupadas com os problemas sociais e com as práticas das organizações. Segundo Mouro (2009: 125), o seu espaço de actuação era a socialização dos indivíduos através da criação de respostas sociais que por vezes substituíam ou complementavam a rede familiar. Contudo, distinguem-se duas linhas de pensamento. O que as distingue nessa abordagem?

A primeira autora, Jane Addams, socorre-se da ação política numa perspectiva crítica, pragmática e de totalidade. Preocupa-se com a ação junto das populações, com os direitos das minorias e com a melhoria da sua qualidade de vida. A segunda autora, Mary Richmond, recorre aos contributos da etnologia e do pragmatismo para construir e promover dinâmicas científicas, baseadas nas evidências das práticas junto das populações, mas também para as institucionalizar. Criou uma nova profissão e integrou-a na divisão sociotécnica do trabalho.

E, por último, cabe verificar as semelhanças e diferenças quanto às inovações introduzidas no Serviço Social. Jane Addams introduz no Serviço Social caritativo uma dimensão politizada, traduzida numa visão reformista e crítica das normas instituídas. O Serviço Social era um meio para lutar contra as injustiças e os direitos dos mais desfavorecidos. A ação política consubstanciava-se na consciencialização desses grupos, através da participação em acções de luta pelos seus direitos, mas também acções socioeducativas e culturais cujo objectivo era o *empowerment* dos indivíduos.

Mary Richmond introduziu no Serviço Social caritativo uma dimensão científica reformista e profissionalizou a assistência social. Construiu uma teoria e uma prática fundada no conhecimento, em função daquilo que era a ideia de inovação social e científica do seu tempo.

O que importa para as nossas autoras está para além da análise etnográfica ou antropológica, ou mais pragmática ou mais científica. O que realmente se destaca é o desejo de pesquisar, o impulso científico e reformista na análise da realidade. As autoras não coincidem no “*cenário urbano*”, mas o seu pensamento cruza-se. (DEEGAN, 1991).⁵

Para concluir

A identidade do Serviço Social, tal como muitas das profissões dos cuidados, está associada a “uma matriz de cariz doutrinário de carácter religioso” (MOURO, 2009, p. 138), um humanismo por vezes empregando de religiosidade. Os pensamentos de Jane Adams e de Mary Richmond introduziram novas matrizes identitárias no Serviço Social – um humanismo científico e ético.

Estas duas personalidades, com trajectórias de vida e profissionais distintas, viveram num período em que “a pobreza já não se podia atribuir exclusivamente aos indivíduos e a caridade não poderia ser só benevolência, transformando-se em caridade científica” (AGUADA, 2006, p. 121) e em ação política.

⁵ Ver também outras obras da autora.

A forma de actuação neste contexto revela, segundo Mouro (2009, p. 139; 140), a introdução de duas matrizes identitárias na construção do conhecimento do Serviço Social na modernidade: uma que relaciona a assistência com a dignidade, os direitos humanos e a intervenção política e outra de base racional e laica.

As autoras participaram, tanto no caso da COS quanto dos *Settlements*, em processos de expansão dessas organizações, nos Estados Unidos, e no processo de secularização da ação social que rompeu os laços com as igrejas protestantes a que as mesmas estavam ligadas.

Num tempo/espço em que os cientistas lutavam pela integração do saber das ciências sociais em cátedras universitárias, o positivismo foi a perspectiva teórica predominante nesse contexto. Era necessário explicar o social pelo social, isto é, que os fenómenos não dependem da personalidade, mas do modo como a sociedade funcionava e estava organizada.

Jane Addams contrariou essa postura com a sua visão crítica e proativa de colocar o sujeito no centro da ação, contudo esta foi secundarizada face à visão normativa associada a uma metodologia – processo – de atribuição de carácter científico ao Serviço Social. Esta perspectiva, associada a Mary Richmond, ganhou muitos mais adeptos do que a primeira, que foi secundarizada face à proposta de racionalização do conhecimento científico e à ação como técnica de intervenção, constituindo o *maistrement* do Serviço Social até à atualidade.

Referências

- AGUADA, O. V. Teorías de las principales figuras del trabajo social. In: GARCIA, T. F.; BRACHO, C. A. (Coords). *Introducción al trabajo social*. Madrid: Ciencias Sociales Alianza Editorial, 3a. reimp., 2006, p. 110-130.
- ARANDA, M. M. *De la caridad a la ciencia: pragmatismo, interacionismo simbólico y trabajo social*. Zaragoza: Mira Editores, 2004.
- CARVALHO, M. I. Ensaio sobre a construção do conhecimento em serviço social: problematização dos espaços de conhecimento e ação do serviço social. Lisboa: CPHITS, 2006. Disponível em: <<http://www.cpihts.com/PDF/M%C2%AA%20Irene%20Carvalho.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2012.
- _____. *Serviço Social, desafios do passado e do futuro*. Alemanha: Editorial académica espanhola, 2012.
- CONDE, I. Contextos, culturas, identidades. In: VIEGAS, J. M. L.; COSTA, A.F. (Orgs.). *Portugal, que modernidade?* Oeiras: Celta Editora, 1998, p. 79-117.
- CONNINGHAM, J.; CONNINGHAM, S. *Social policy and social work*. London: Sage, 2012.
- DEEGAN, M. J. (Ed). *Women in sociology: a bio-bibliographical sourcebook*. New York: Greenwood Press, 1991.
- FOOK, J. *Social work, critical theory and practice*. London: Sage Publications, 2003.
- GALLEGO, T. B. El nacimiento de una nova profesión: el trabajo social. In: GARCIA, T. F. (Coord). *Fundamentos del trabajo social*. Madrid: Alianza editorial, 2009.
- GARNIER, J. F. *Assistante social: pour la redéfinition d'un métier*. Paris: L'Harmattan, 1999.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora, 1997.
- HANS, J. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. *Teoria social hoje*. São Paulo: Brasil, Editora Unesp, 1a. reimp., 1999, p. 127-174.
- MARTÍNEZ, M. M. *Teoría del trabajo social*. Madrid: Editorial Síntesis, 2006.
- MEAD, G. H. *Mind, self, and society*. C. W. Morris (Ed.). Chicago: University of Chicago Press, 1934.
- MOURO, H. *Modernização do serviço social: da sociedade industrial à sociedade do risco*. Coimbra: Almedina, 2009.
- MOURO, H. Serviço Social: um século de existência. In: MOURO, H.; SIMÕES, D. (Coords.). *Cem anos de serviço social*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001, p. 24-58.
- RICHMOND, M. *Social diagnosis*. New York: Russell Sage Foundation, 1917.
- SOULET, M-H. Prefácio. In: AMARO, M. I. *Urgências e emergências do serviço social: fundamentos da profissão na contemporaneidade*. Lisboa: Universidade Católica, 2012.

REVISTA EM PAUTA

] CONTRACORRENTES EM TEMPOS DE TEMPESTADE - CARVALHO, I. M.]

SPOSATI, A. Serviço social em tempos de democracia. In: *Serviço Social & Sociedade*, n. 31, 1992, p. 5-29.

VAN DEN HOVEN, R. Teorias de intervenção social. In: RODRIGUES, F. (Coord.). *Poor people*. Frankfurt: Peter Lang, 2000.

Recebido em 15 de agosto de 2012.

Aceito para publicação em 27 de agosto de 2012.